

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: AS VÁRIAS FACES DE CABIRIA

Autora: IGNÊZ TEIXEIRA GURGEL DO AMARAL

Orientador: PROF. DR. CARLOS EDUARDO ALBUQUERQUE MIRANDA

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por IGNÊZ TEIXEIRA GURGEL DO AMARAL e aprovada pela Comissão Julgadora.

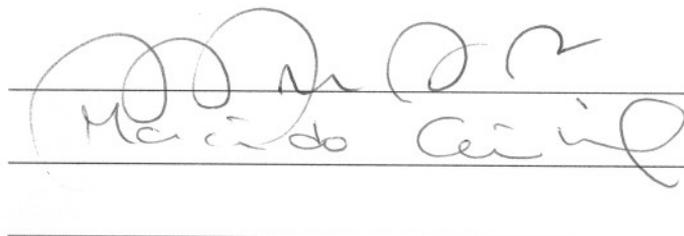
Data: 28/02/2005

Assinatura:



Orientador

COMISSÃO JULGADORA:



Marcão
Cecília

2005

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICAMP
	Am 13 v
V	EX
TOMBO BC/	64211
PROC.	16.P.00086 OS
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	13/06/05
Nº CPD	

Biblid 352312

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Amaral, Ignez Gurgel do.

Am13v As várias faces de Cabiria / Ignez Gurgel do Amaral. -- Campinas, SP :
[s.n.], 2004.

Orientador : Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Fellini, Federico., 1920-1993. 2. Prostitutas. 3. Cinema. I. Miranda,
Carlos Eduardo Albuquerque de. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

04-218-BFE

RESUMO

Construção através de alegorias, cenas e imagens, dos diversos e possíveis caminhos percorridos por Cabiria, de Federico Fellini. As várias faces da prostituta Cabiria sendo desvelada num universo metafórico, literário, imaginário e fantástico através de memórias e lembranças que compõem as impressões do personagem-narrador.

ABSTRACT

Construction among allegories, scenes and images of the diverse and possible ways walked by Cabiria, by Federico Fellini. The several faces of the prostitute Cabiria being revealed in a metaphoric world as well as literary, imaginary and fantastic through memories and recollections which compose the impressions of this character-narrator.

ÍNDICE

PRELÚDIO	1
APRESENTAÇÃO	2
INTRODUÇÃO.....	3
OS CAMINHOS DE CABIRIA	5
BIBLIOGRAFIA.....	44
FILMOGRAFIA	46

DEDICATÓRIA

*Para Luciane e Matheus, meu filho.
João Alberto Gurgel do Amaral, meu pai.
Para o orientador e amigo
Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.
A minha mãe, Fernanda, (em memória).*

AGRADECIMENTOS

*Ao Milton pela presteza e apoio;
Ao Wencesláo pela inspiraçaõ;
A Agueda pelas descobertas;
Ao Daniel Zancha pela amizade e cumplicidade;
Aos Amigos da Oficina de Cidadania, Alan (Victinho),
Silvana, Andrea, Renato, Roberta, pela incessante luta;
A Gabriela Coppola e Gabriela Rigotti pelas sugestões;
Aos demais Companheiros do Olho pelo carinho;
A Bianca, Narinha e Jack que apesar da distância não nos perdemos de vista;
A Dalha pelo amor e cuidado;
A Raquel Caldas pela oportunidade de redescobrir Fellini;
A Elony Conversano pela compreensão;
A minha família;
E às mulheres.*

PRELÚDIO

DESPERTA-ME DE NOITE¹

Desperta-me de noite
o teu desejo
na vaga dos teus dedos
com que vergas
o sono em que me deito

É rede a tua língua
em sua teia
é vício as palavras
com que falas

A trégua
a entrega
o disfarce

E lembras os meus ombros
docemente
na dobra do lençol que desfazes

Desperta-me de noite
com o teu corpo
tiras-me do sono
onde resvalo

E eu pouco a pouco
vou repelindo a noite
e tu dentro de mim
vai descobrindo vales.

¹Horta, M. T. www.utoopia.com.br/erotica

APRESENTAÇÃO

No mundo dos sonhos, das fantasias e da memória encontrei Federico Fellini. Ele apresentou-me em *Noites de Cabiria* a dialética do desejo e do ódio, do amor e da aversão.

Quem é Cabiria? Senti em relação a ela uma profusão de sentimentos, que foram dos sonhos à realidade tórrida, e vi-me limitada por não poder perceber mais do que me era possível. Lancei-me num caminho sem volta para encontrá-la num outro tempo, num tempo habitado por seres imaginários no qual o fio que nos une é tênue, reminiscências, cacos da memória. Existem vários caminhos para encontrá-la, mas me decidi pelo caminho do desejo, da imaginação, da alucinação. Muitas cenas me fascinaram, encantaram, seduziram e com elas convoco-os a adentrar o labirinto de imagens e memórias e a descobrir, comigo, as várias faces de Cabiria.

INTRODUÇÃO

Pobre, romântica, ingênua, raivosa, insólita, esperançosa, bufona, atormentada, sonhadora, cômica, frágil, brava, lutadora, com uma forma totalmente incomum de expressar sua sexualidade, que advém da necessidade do seu *mestiere*². Por que há comicidade em Cabiria? Para Fellini “o palhaço encarna as naturezas da criatura fantástica, que exprime o aspecto irracional do homem, o componente do instinto, aquela porção de rebeldia e de contestação contra a ordem superior que existe em cada um de nós. É uma caricatura do homem em seus aspectos de animal e de criança, de zombado e de zombador. É um espelho no qual o homem se vê de maneira grotesca, disforme, bufa. É a sombra. Existirá sempre.”³ Então, prossegue o diretor, “... o tipo de ator que sempre me encantou e fascinou, e pelo qual tenho, a cada vez, um sentimento de obscura e excitante predileção, é o ator-palhaço. (...) considero-o a expressão mais aristocrática e autêntica de um temperamento.”⁴

Fellini nos fala dos paralelos ionicamente divergentes entre o palhaço (augusto) e o *clown* branco. “Quando digo “palhaço”, penso no augusto. As duas figuras são, na realidade, o *clown* branco e o augusto.⁵ O primeiro é a elegância, a graça, a harmonia, a inteligência, a lucidez, propostas de forma moralista, como as situações ideais, as únicas, as divindades indiscutíveis. Eis então que logo aparece o aspecto negativo da coisa, porque o *clown* branco, desta maneira, torna-se a mamãe, o papai, o professor, o artista, o bonito, em suma, “o que deve ser”. (...) O augusto, que é o menino (...) rebela-se na presença de uma perfeição parecida, se embebeda, rola no chão e anima uma contestação perpétua. (...) O

² Ofício, profissão.

³ Fellini, 2000, p. 157.

⁴ Idem, p. 167.

⁵ Originariamente, as duplas eram formadas por um palhaço conhecido como “augusto”, que se veste de roupas velhas e pinta o nariz de vermelho, e outro chamado “clown branco”, que usa um chapéu em forma de cone, pinta o rosto de branco e cuja vestimenta é feita de tecido mais nobre. O primeiro era o bobo alegre, enquanto o segundo era mau e triste. Aos poucos, a figura do clown branco foi desaparecendo e hoje quase todas as duplas são formadas por augustos. Além delas, surgiram os trios de augustos. (*N. da T.*). Idem, p. 158.

clown branco e o *augusto* são o professor e o menino, a mãe e o filho mimado, se poderia dizer, por fim, o anjo com a espada flamejante e o pecador.”⁶

Para Fellini o palhaço/*augusto* não tem sexo, como *Cabiria*: um *augusto*, assexuada e prostituta. Fellini cria personagens e cenários dentro de paradoxos que não se excluem; com humor e imensa imaginação, chega ao limite entre o trágico e o cômico, pois há sempre tensão entre suas personagens e o local onde habitam. Pasolini diz que este contraste “porém, não é dramático enquanto derivar de um contraste <<moral>>: que, portanto implica, em um juízo social. Não é uma luta histórica entre o personagem e o ambiente. A dramaticidade deriva pura e simplesmente da qualidade metafísica do contraste, do seu valor absoluto, que libera uma terrível carga de mistério, dada a fundamental impossibilidade de conhecimento entre o personagem e o ambiente.”⁷

Fellini dirigiu as *Noites de Cabiria* em 1957. Nele, o diretor, ao mesmo tempo que nos mostra o cotidiano excludente e marginalizante de uma prostituta nos subúrbios de Roma, também oculta esta realidade com as noites divertidas e sem compromisso, semelhantes a sonhos, pelas quais ela se movimenta.

Cabiria é vítima de muitas trapaças. Entretanto, diante do que hoje vemos no mundo da prostituição imerso em brutalidade e violência, estas parecem ser inocentes. Dentro de uma realidade dura, tosca, Fellini mostra-nos seus aspectos românticos, ternos, emotivos, engraçados. Ele amalgama diversos sentimentos, realidades, sonhos e abre caminhos para que viajemos por outros tempos, que voltam sem cessar, que se repetem, que recordamos, que permanecem.

⁶ Fellini, 2000, p. 158.

⁷ “... però non è drammatico in quanto derivi da un contrasto <<morale>>: che implica poi in un giudizio sociale. Non è una lotta per così dire storica tra il personaggio e l'ambiente. La drammaticità deriva puramente e semplicemente dalla qualità metafisica del contrasto, dal suo valore assoluto, che libera una terribile carica di mistero, data la fondamentale inconoscibilità tra personaggio e ambiente.” (Pasolini, 1981, p. 152). “... porém, não é dramático enquanto derivar de um contraste <<moral>>: que, portanto implica, em um juízo social. Não é uma luta histórica entre o personagem e o ambiente. A dramaticidade deriva pura e simplesmente da qualidade metafísica do contraste, do seu valor absoluto, que libera uma terrível carga de mistério, dada a fundamental impossibilidade de conhecimento entre o personagem e o ambiente.”

OS CAMINHOS DE CABIRIA



Open Gutter⁸

“Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de *formar* imagens. Ora, ela é antes a faculdade de *deformar* as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de *mudar* as imagens. (...) O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é *imagem*, mas *imaginário*. O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola *imaginária*. Graças ao *imaginário*, a imaginação é essencialmente *aberta*, *evasiva*.”⁹

Desperto cedo, como de costume, nesse mundo emaranhado de movimento. Os gritos, dessa vez, eram mais fracos, distantes. Estou condenado ao mundo dos sonhos, sinto-me abstrato. A névoa encobre a casa plácida, seu jardim e o grande pátio que leva-me ao seu encontro. Ando a deriva, mas o local me parece familiar; entro e saio de vias, ruelas, caminhos... não chego a lugar algum, ou será que vou a vários locais e não consigo distinguí-los?

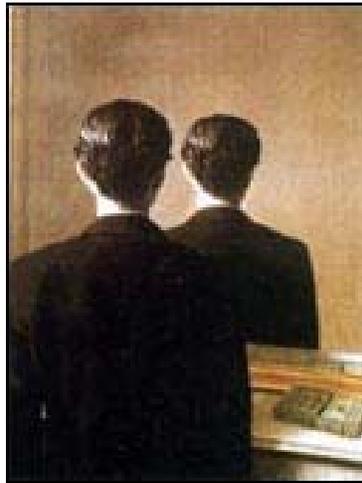
⁸ In: Brassai, G.H. *Paris by Night*, 1933. www.masters-of-photography.com/B/brassai/brassai.html (A Rua Sinuosa)

⁹ Bachelard, 1985, p.01.

Sou arrastado por minhas fantasias, (ilusões?), seduções, minha própria intimidade. Sou lançado, mas não sei para onde. Desvios, rotas cortadas, será esse o caminho?

Há um muro sem começo, sem fim. Percebo minha perdição, meu desejo de morte, minha perturbação, sentimentalidades, loucura momentânea, devaneios.

Vejo um ser cruel, forte, violento, mutante, camaleônico: um monstro. Não posso desvendá-la, pois ela devorar-me-á. Meu desejo de destruí-la é urgente.



La Reproduction Interdit¹⁰

Antes do nosso encontro, sempre há um ritual, às vezes breve, às vezes longo. Olho-a no espelho o qual, assim como o muro, não tem começo, nem fim. Procuo sua imagem e vejo-me. Nossas imagens são simétricas, projetadas nesse ambiente taciturno, no qual vemos, apenas, nossos reflexos. Olha-me, deseja-me, desvende-me os mais íntimos segredos. Minha ansiedade incontrolável refrata-se em paixões, amores, sofreguidões diversas. A vivência desse presente remete-me ao passado, pois o tempo é único, real.

Angustio-me diante da perspectiva de desvendá-la, sentí-la, amá-la, odiá-la, visitá-la, ouvi-la, sonhá-la, entre tantas outras sensações e desejos. Ensandeco.

O tempo foi perdido. Busco resgatá-lo diante do mistério. O que me espera? O que me é revelado? O que se esconde? O que se relaciona comigo? O tempo

¹⁰ Magritte, R., 1937. <http://pavlov.psyc.queensu.ca/~psyc382/MagritteNot.html> (A Reprodução Interditada)

de encontro, aquele que é uma preparação para um grande acontecimento, quer ele aconteça, ou não.

As mulheres são assim: incógnitas.



Nudo ¹¹

Ouçó Fellini me dizer que “no início de todos os filmes [passa] a maior parte do tempo à secretária e não [faz] senão rabiscar nádegas e mamas. É a [sua] maneira de ir atrás do filme, de começar a decifrá-lo através desses rabiscos. Uma espécie de fio de Ariadne para sair do labirinto.”¹²

¹¹ Fellini, F., 1983. www.almanaccoindipendente.it/dEcHIRICOCAMPIGL... (Nú)

¹² Grazzini, 1985, p. 10.



Prostitute at angle of Rue de la Reynie and Rue Quincampoix ¹³

Resolvo adentrar por esse caminho tortuoso, labiríntico que se impõe diante de mim. Na penumbra, vejo sua imagem estática; não me vê. Sua sombra está refletida no chão asfaltado, frígido. Seu segredo é exposto, torna-se visível, sua forma quebra o espaço, cria uma tensão entre a rua e sua expressão, sua alma aparece encarnada em sua sombra. Tenho uma visão, uma aparição dela. Prédios e lojas apagadas rodeiam-na, é a dama da noite, a mariposa, a senhora dos desejos, puta, prostituta, mulher da vida, rameira, *puttanella*, *troia*, *puttana*, *baldracca*, *bagascia*, *squaldrina*, *zoccola*, poderia, ainda, adjetivá-la de diversas maneiras. Peitos, nádegas, sexo à mostra, às escondidas, traz no seu corpo a veneração, o pudor, o des-pudor, o infinito das fantasias, alucinações, é única, muitas. Parada, em movimento, as ruas, as casinhas, as vielas, motéis, bordéis, cabarés, lupanares, carros, palcos, janelas, camas, metrôs, bares, muros, esquinas são seus lugares. Vestidas, nuas, semi-nuas, bonitas, feias, horrendas, desajeitadas, novas, velhas, gordas, magras, esqueléticas, excessivas, mulheres que se mostram e se escondem com homens, mulheres. Encontro-as em meus sonhos, devaneios...

¹³ In: Brassai, G.H. *Paris by Night*, 1933. www.masters-of-photography.com/B/brassai/brassai.html (Prostituta da Esquina da Rua Reynie e Rua Quincampoix)

Morro de medo que me veja, sou sua sombra. Vejo-a no espelho a olhar-me fixamente, desvio o olhar, sua nudez me obscurece, me ilumina. A nudez para ela é o fazer-se em sexo, desejos realizados, espermas, gozos, desejos impossíveis, irrealizados. Por que busco as prostitutas? Prazer, fantasias, alucinações?

Do outro lado da calçada vejo-a remexer as nádegas de lá para cá diante de uma pequena janela de um grande hotel, Cabiria abaixa-se para ver o que há lá dentro e, de costas para a rua, começa a dançar rebolando os quadris de um lado para o outro – exercitando o *mestiere*.¹⁴ Poderia ser um gesto de eroticidade, porém, em Cabiria, beira a comicidade – ela sai andando, dançando e rindo, com passos cadenciados, teatrais, desengonçados, cheia de trejeitos e caretas, como se tivesse um grande público a observá-la. Eu estou.



Mujer delante de una ventana ¹⁵

Sigo por uma rua esquálida, à meia-luz. Meu olhar debruça-se sobre um quarto de hotel, de cores alegres, paredes desnudas, janela entreaberta com vista para o mundo. Logo a vejo: uma puta gorda, nua, encostada na janela

¹⁴ Descrição referente à cena na qual Cabiria, na Via Veneto, fora do seu habitat, exerce o *mestiere*.

¹⁵ Botero, F., 1990. www.banrep.gov.co/blaavirtual/donacion/dbotero7.htm (Mulher diante da janela)

entreaberta, a exibir suas carnes em tons exagerados, unhas e brincos vermelhos, tamancos oliva. Ela faz pose de conquista, não me vê, olha insistentemente para um ponto, distante do meu óculo de alcance; imóvel, passiva, impregnada de viscosidade, semblante de quem espera eternamente por alguém. “A mulher, para o homem em geral e em particular para um criativo, está em intercâmbio com uma fonte de inspiração, qualquer coisa de profundamente nutritiva.”¹⁶



Cenas do Filme *Noites de Cabiria*¹⁷

Deixo aquela puta nutritiva, que me instiga e inspira fantasias, aquele ser imaginário que sai de mim e personifica-se em desejo, no meu desejo. Adentro a Zona Arqueológica, local do baixo meretrício, insípido, sem glamour, sórdido, movimentado, barulhento, descontrolado, dividido por uma via expressa. Lá, pervertidas pernas andam de lá para cá, movimentam-se em gestos e roupas escandalosas, seios fartos, gordas ancas, carne em excesso, são *troias* a desfilar.



Cenas do Filme *Noites de Cabiria*¹⁸

Observo Moby Dick, com sua estética opulenta, meio homem, meio mulher, híbrida, andrógina, excessiva em sua presença, resignada pela condição de puta, pela monstruosidade de sua figura. É a prostituta que faz a vida isolada das

¹⁶ Pettigrew, 1995, p. 120.

¹⁷ Fellini, F. *Noites de Cabiria*. 1957.

outras. “O monstro só oferece a adequação entre dois incompreensíveis, um o sentido e o outro o sinal, um sabido e o outro visto, ameaçando afogar o olhar nos seus sortilégios vazios.”¹⁹ Moby Dick, como uma baleia, se esparrama na Zona Arqueológica, sozinha, verborrágica, debochada. “Enquanto todas as outras coisas (...) entram no pavoroso abismo da boca deste monstro (a baleia), imediatamente se perdem e são engolidas.”²⁰

Do outro lado, avisto Corina, a prostituta loira, bem vestida, corpo delineado. Ela posta-se do lado de seu carro novo, exibindo-o, mostrando-me a vantagem de tê-la, de possuí-la. Vangloria-se de ser proprietária de um bem de consumo que exerce poder, posse, fascínio. Resguardo-me.



"Bijou" of the Montmartre cabarets ²¹

Uma porta se abre. Vejo um entra e sai de pessoas e, num canto do bar decrépito, arcaico, uma puta velha, marafona, olha-me com soberba e conquista. Não vejo em seu rosto nenhum gesto de revolta, apenas o tempo a refletir-se no seu corpo, mãos enrugadas, pele envelhecida, pernas flácidas. Os olhos alcoolizados me assustam, assim como o ambiente que assisto. É mórbido o espelho a refletir-lhe a nuca, a mesa esguia a comportar-lhe a mão reumática, o

¹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹ Gil, 1994, p. 82.

²⁰ Montaigne apud Melville, H. *Moby Dick*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

²¹ In: Brassai, G.H. *Paris by Night*, 1933. www.masters-of-photography.com/B/brassai/brassai.html ("Bijou" no Cabaret de Montmartre)

sofá desbotado a suportar-lhe as nádegas. É chique, cafona, um misto de grande dama, madame e cafetina expressos nos seus gestos, vestes, meias pretas que escondem as carnes lânguidas e cheias de varizes. Através da maquiagem abundante, olha-me de lado, bebendo do tempo que se faz na sua silhueta de morte, de outras vidas.

É marionete, bufona, puta de bordel, de muitos homens, corpo avantajado, repleta de jóias e casaco de pele. Num instante, deixa transparecer, num pequeno gesto quando relaxa sua perna exausta, o cansaço de toda uma vida de fornicções, luxúria. “A prostituta é o contraponto essencial da mãe italiana. Não se pode conceber uma sem a outra. E assim como a mãe nos alimentou e vestiu, com a mesma inevitabilidade, falo de minha geração, a puta nos iniciou na vida sexual. Todos nós estamos em débito com aquelas mulheres que substituíram nossos desejos, nossas esperanças, nossas fantasias e o transformaram em algo muitas vezes pobre e mesquinho, mas igualmente fantástico. Porque a prostituta, criatura do inferno, conserva o poder e o fascínio do que parece ter sido evocado de um mundo ultraterreno. Não é conhecida e, portanto, é imensa, inatingível, onisciente e ingênua. Exatamente como são nossas fantasias, das quais é não só ladra, mas também realizadora.”²²

²² Fellini, 2000, pp. 118 -119.



Cena do Filme *8 1/2*²³

Caminho entre ruas semi-áridas e vielas descobertas até chegar à praia. Lá está ela, uma puta gorda, feia, monstruosa, gigantesca, exposta no muro desgastado e maltratado pelo tempo. Inicialmente, não a reconheço, mas em meio ao barulho do mar, ouço o vento sibilante pronunciar, com leveza, seu nome: Sargona.

Suas dimensões disformes não me põem medo; sua imagem, em meio às vagas do mar, povoam meu desejo; seus cabelos negros, em desalinho, suas vestes também negras puídas, me lembram uma viúva abandonada pelos maridos/clientes, pelos meninos imberbes, pela beleza que talvez nunca tenha tido. Seu corpo parado detém uma significação de cheiros, peixes, algas, artefatos vindos do mar. Tento aproximar-me, mas some, como uma inspiração.

Fustigado com sua eterificação, corro. Canso-me.

²³ Fellini, F. *8 1/2*. 1963.



L'origine du monde²⁴

Adentro um quarto exposto. Nele, encontro uma mulher nua, na cama desguarnecida, de pernas abertas, de sexo em flor. Como quero essa mulher de rosto encoberto por certo pudor. É a puta que me espera convidativa. Seus pêlos leves, negros, são como relva macia, como capim molhado, onde quero debruçar-me, saciar-me, embriagar-me no perfume do seu sexo, encontrar nos seus seios os meus desejos, minhas angústias; perder-me e achar-me nesse grande sonho obscuro, que é seu corpo, seu preço. Vejo-a inteira nesse ambiente despótico, observo suas coxas, seu púbis, seus peitos, seu umbigo, seu ventre, acompanho cada ângulo dele, cada curva, cada entrelinha: estou fascinado, ainda não sei por que a desejo. Lembra-me o poeta ...

(...)

E num sofrer de gozo entre palavras,
menos que isto, sons, arquejos, ais,
um só espasmo em nós atinge o climax:
é quando o amor morre de amor, divino.
Quantas vezes morremos um no outro,
no úmido subterrâneo da vagina,
nessa morte mais suave do que o sono:
a pausa dos sentidos, satisfeita.
Então a paz se instaura. A paz dos deuses,
estendidos na cama, qual estátuas
vestidas de suor, agradecendo
o que a um deus acrescenta o amor terrestre.²⁵

²⁴ Coubert, G., 1866. www.roger.kustner.free.fr/pages/page019.htm (A origem do mundo)

²⁵ Drummond, C. *Amor, pois que é palavra essencial*. <http://www.utopia.com.br/erotica>



Lovers in a Bistrô ²⁶

Drummond apresenta-me Barthes, e então percebo que “... o meu amor é <<um órgão sexual de uma sensibilidade espantosa que [vibraria] fazendo-me dar gritos atrozes, os gritos de uma ejaculação grandiosa, mas fedorenta, [presa do] dom extático que o ser faz de si próprio enquanto vítima nua, obscena [...] diante das enormes gargalhadas das prostitutas >>.”²⁷ Nesse pequeno mundo - bordel de luxo -, avisto espelhos, glamour, louças, moderação e uma prostituta com ares de Dietrich, misteriosa, sóbria, sedutora. Tudo nela é presença, com modos de quem comanda, apertando junto a si seu amante, seu homem, macho, cliente, o cafetão, o proxeneta, rufião, aquele que é seu proprietário e também fonte de seu prazer. Aquele que bate e acalenta, que se embrenha em suas redes e arrebatá-a, violento, carinhoso, explorador, que vive com ela uma relação que se abre em vários sentidos. Inusitado momento de desejo que me faz viajar sem rumo em busca de ti.

²⁶ In: Brassai, G.H. *Paris by Night*, 1933. www.masters-of-photography.com/B/brassai/brassai.html (Amor no Bistrô)

²⁷ Bataille apud Barthes, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*, Lisboa: Edições 70, 1987 – p.205.

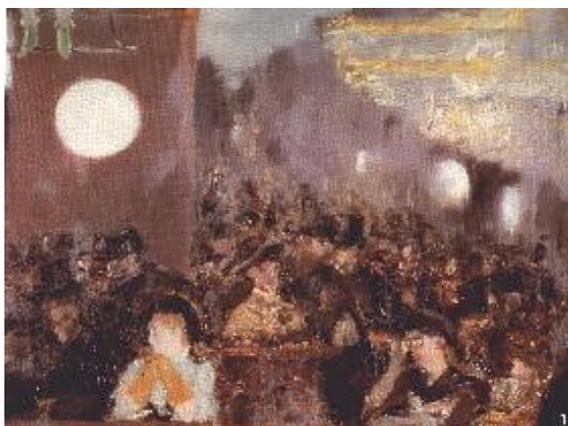


Cartaz de Publicidade do Filme Le Notti di Cabiria (1957)

Encontro Julieta. Ela fala-me sobre Cabiria: “Compreendi que Cabiria, como Gelsomina, já não tinha (antepassadas...) Perdida, Cabiria? O próprio som desta palavra <<prostituta>> dispara em nós uma espécie de reflexo condicionado que faz do vício delas o único sistema de mistura. Vício e, portanto, resgate ou total abjeção. Mas com Cabiria, o reflexo condicionado não funcionava. Tentem vocês também, quando a conhecerem, adaptar-lhe qualquer significado de redenção. E mesmo assim, Cabiria exercita declaradamente o ofício. Deste modo, descobri que também a prostituição pode ser e permanecer um dado totalmente exterior. Sem prevenções absurdas com relação às mulheres obrigadas a se prostituir, sinto por elas compaixão e remorso. Mas com relação a Cabiria, não sentia nada disto. Pelo contrário, despertava em mim uma quantidade muito grande de emoções. Em certo momento, fui tentada a atribuir à sua profissão pouca ou nenhuma importância. Cheguei a pensar que Cabiria poderia ser uma caixa ou a vendedora de uma grande loja. Mas logo coloquei de lado esta tentação, porque a sua dura vida noturna no Passeio Arqueológico não tem nada de casual. Quem já olhou sem indiferença e sem uma curiosidade superficial o rosto artificial de uma prostituta, compreendeu que este ser humano é o mais alienado que vive sobre a terra. Nada como a prostituição, exclui, amputa, eu diria, qualquer inclinação espiritual. Todavia, Cabiria não é mais alienada do que a maior parte das outras mulheres que tem uma vida normal. A profissão não

conseguiu tirar suas inatas possibilidades de recomeçar e nem privá-la de seu instinto de reagir inesperadamente tão logo se sinta enganada, forçada ou violada em suas exigências interiores. Cabiria parece mover-se numa atmosfera espiritual não muito distante daquela de Gelsomina. Mas ela realmente não tem a capacidade de suportar em silêncio como faz a outra, tão feminina e aparentemente indefesa, com o seu complexo de inferioridade, com o seu mundo totalmente inconsciente, interiorizado e só levemente expresso, esboçado em um arco-íris. Cabiria tem mais instinto, sua rudeza e impetuosidade aumentam a medida que suas expectativas e sua esperança são encobertas. Isto vale dizer que ela tem uma característica oscilante entre dois extremos da introversão e da extroversão. Como Gelsomina, que veste com orgulho suas roupas de *clown*, Cabiria gosta de travestir-se e gosta de vestir-se de forma pitoresca, que nada tem a ver com o modo de vestir-se tradicional das mulheres “da calçada”. Entretanto, no final, quando seus sonhos parecem verdadeiramente prendê-la pela mão e levá-la distante, ela tem um momento de repulsão pelo seu casaco de penas, que lhe recorda não a vida no Passeio Arqueológico, mas a violência que aquela vida a forçava a tolerar. O que quero dizer, é que dia após dia Cabiria reagiu a esta violência e, dia após dia, inconscientemente, ela soube dizer não, graças a um potencial de vida que existe nela apesar de tudo, e que a torna limpa num mundo de gente obscura e entorpecida.”²⁸

²⁸ “...Cabiria, compresi che lei, come già Gelsomina, non aveva antenate(...) Perduta, Cabiria? Al suono stesso della parola <<prostituta>>, scatta in noi una specie di riflesso condizionato che fa del loro vizio l'unico sistema di mistura: vizio, e dunque o riscatto o totale abiezione. Ma con Cabiria, il riflesso condizionato non funzionava. Provate anche voi, quando me farete la conoscenza, ad addatarle un qualsiasi significato di redenzione. Eppure Cabiria esercita dichiaratamente il mestiere. Scoprii dunque che anche la prostituzione può essere o rimanere un dato del tutto esteriore. Priva di prevenzioni assurde verso le donne costrette al marciapiede, sento per loro compassione e rammarico. Per Cabiria, niente di tutto questo. Anzi, destava in me una gamma molto ricca di emozioni. A un certo momento, fui tentata di attribuire al suo mestiere poca o nessuna importanza. Cabiria, pensai, potrebbe fare la cassiera o la commessa in un grande magazzino. Tentazione che misi da parte ben presto, perché la sua dura vita notturna alla Passegiata Archeologica no ha nulla di casuale. Chi ha guardato, senza indifferenza e senza superficiale curiosità, il volto artefatto di una prostituta, ha compreso che questo essere umano è il più alienato che viva sulla terra: nulla, come la prostituzione, esclude, amputa, vorrei dire, qualsiasi inclinazione spirituale. Eppure Cabiria non soffre di alienazione più di qualsiasi altra donna che abbia una vita normale. Il mestiere non è riuscito a togliere le sue innate possibilità di ripresa, a privarla del suo istinto a reagire di slancio, non appena si senta insidiata, o costretta, o violata nelle sue esigenze interiori. Cabiria mi è parsa muoversi in un'atmosfera spirituale non lontana da quella



Rue Bergère ²⁹

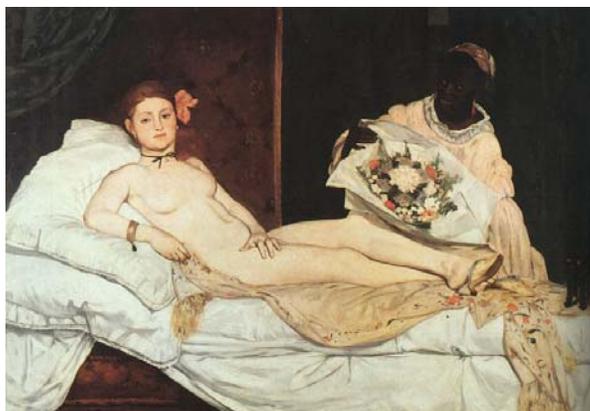
Retorno à Via Veneto, local que me prende e fascina. Reencontro Cabiria que, vinda da Zona Arqueológica, adentra-a comigo. É o outro extremo da cidade, local de luzes, flashes, brilho, polidez... bem diferente da meia-luz, da noite estrelada, fétida, do subúrbio. Sinto o mundo burguês, transitório, o sentimento de novidade, o desvario do que se passa: muitos carros, transeuntes, prédios, hotéis, restaurantes, luzes, fausto, riqueza, poder. Lá trabalham as prostitutas de luxo que, embora prostitutas, diferem das outras por se associarem a homens ricos, poderosos. São discretas, “virtuosas”, sofisticadas, polidas não só na forma de olhar; possuem glamour, há uma magia em torno delas, uma indefinição. Podem ser confundidas com damas, “mulheres honestas”, casadas. Bem vestidas, fumam com elegância e circulam entre as mesas dos restaurantes com desenvoltura

di Gelsomina. È vero, Cabiria non ha la capacità di sopportare in silenzio, come fa Gelsomina, così femminile e apparentemente indifesa con il suo complesso di inferiorità, con il suo mondo tutto inconscio, tenuto dentro, e appena espresso accennato in un baleno. Cabiria ha più istinto, tanto più è aspra e irruente quanto più le sue speranze, le sue aspettative sono ricacciate nel profondo. È, cioè, un carattere oscilante frai due estremi della introversione e dell'estroversione. Come Gelsomina, che veste con orgoglio i panni del *clown*, Cabiria ha il gusto di mascherarsi, un piacere del vestir pittoresco, che non ha nulla a che vedere con la *mise* tradizionale delle donne del marciapiede. Soltanto alla fine, quando i suoi sogni sembrano veramente prenderla per mano e portarla lontano, ha un momento di repulsione per quella sua pelliccetta di penne, che le ricorda non la vita alla Passegiata Archeologica, ma le violenze che quella vita la costringeva a subire. Voglio dire che a queste violenze Cabiria ha reagito giorno per giorno, e giorno per giorno, nel suo inconscio, ha saputo dire di no, grazie a un potenziale di vitalità che è in lei, malgrado tutto, e che la rende pulita, in un mondo di gente torbida e intorpidita.” (Fellini, *F. Le notti di Cabiria – Testimonianze - Io e Cabiria di Giulietta Masina*. Bologna: Garzanti, 1981, p. 142-143.).

²⁹ Manet, E., 1881. www.uv.es/~hmr/manet/manet_half.html (Rua Bergère)

povoando um cenário bem diferente do das prostitutas da Zona Arqueológica, fazem-se esplendorosas e desejáveis.³⁰

Cabiria adentra esse outro cenário, no qual há brilho, ostentação, beleza. Ela passeia, desfila por ele. As ruas transformam-se em comércio, ela quer ser vista, fazer-se ver, tornar o espetáculo um acontecimento, encenar mais um de seus papéis: o de prostituta. Essa personagem ambígua traz em si o bem, o mal, o ingênuo, o perverso, entre outras antíteses. Ela impõe o seu corpo, enquanto espetáculo afirma-se, permite que o olhar *voyeur* de poder do cliente recaia sobre ela.



Olympia³¹

Tenras passagens abrem-se diante de mim, entro num quarto em penumbra e vejo-a recostada sobre uma cama de lençóis brancos e uma colcha bege com algumas flores. Uma cortina preta no canto ressalta ainda mais sua imagem. Ao seu lado, uma negra, que me parece uma serviçal, está parada com um buquê de flores; um minúsculo gato preto, no canto direito da cama, observa os acontecimentos com parcimônia. Ela ignora tudo ao redor, pois olha-me. Fito-a nua sobre a cama e penso como é linda. Possui olhos de Capitú, “Olhos de ressaca. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que

³⁰ Descrição referente à cena na Via Veneto, na qual prostitutas de luxo, no seu habitat, exercem o *mestiere*.

³¹ Manet, E., 1863. www.artehistoria.com/genios/cuadros/1530.htm (Olympia)

arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado agarrei-me às outras partes vizinhas.”³²

Cabelos vermelhos, pele branca, seios firmes, mãos e pés pequenos, boca rosada, nariz levemente adunco; vejo as formas platônicas, a perfeição, a prostituta, a cortesã. Viajo em busca do sombrio, do desconhecido, do mistério que se abre diante de mim. Seu olhar, porém, mostra-se vazio, sério, cheio de rugas entre seu corpo e suas lembranças. Em seu braço, um bracelete de ouro, no penteado, uma flor, vermelha como sua silhueta. É incógnita como uma esfinge, seu olhar parece tomar certa distância. Não percebo carinho, nem ódio, nem desejo, seu olhar é uno, amanhecido. Lá fora a noite procrastina meus sonhos, minha intimidade, minha escória de sentimentos que transborda e faz-se presente nela.

Seus cabelos de fogo têm um reflexo próprio, parece-me que a junção dos fios traz o sol, vermelho e amarelo, cores quentes, o vermelho do cabelo sobre a pele branca destoa o branco, o vermelho, o amarelo, o marrom dos olhos, é feita de cores. “Quais são as cores que nos libertarão a voz? E o encantamento produzido pelos nossos peitos e não só pelo olhar, como penso ser o costume? Esse último pensamento ocupou-me o resto do dia até que, penso ter acertado, concluí – os habitantes de Suagh´Lengh´hor são morenos e seus pêlos, negros. Eu os possuo ruivos, [atraio-me] pelo insólito.”³³

Quero-a assim, parada, imóvel, como uma escultura, para que não descubras meu segredo que é olhá-la até a exaustão, até que meu corpo, já cansado e minha cabeça em turbilhão transformem meu olhar em ação e, assim, vazio, em desalinho, possa finalmente possuí-la. Tomo outro rumo, contudo, tenho a sensação de andar em círculos.

³² Assis, 1978, p. 219.

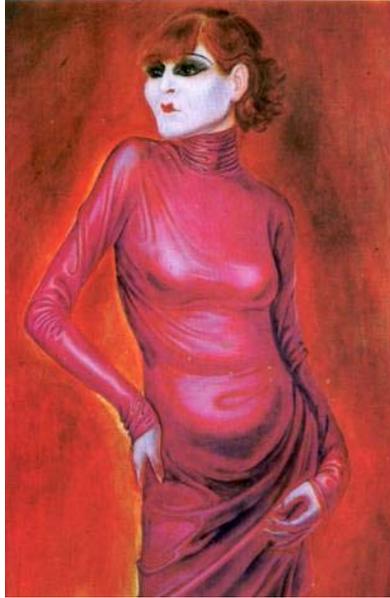
³³ Almeida, 1990, p. 18.



A Castelã³⁴

A esmo, vou andando em meio a uma estrada poeirenta. Folhas secas, rústicas, levam-me ao encontro de uma moça de aparência dócil, vestido que cobre as pernas e os seios, um leve sorriso no canto da boca, sobrancelhas feitas e finas, mãos postas como a orar. Porém, percebo nela certo ar de luxúria e perversidade, a perda da inocência diante da realidade brutal da vida. Não sinto pena, nem desejo. Talvez aquele pudor, aquele ar de santa, tenha roubado-me qualquer sentimento imaginário. Sinto saudades, uma ruidosa saudade que me faz recordar Cabiria a ostentar aquele jeito deselegante, aquelas sobrancelhas finas como as dela, aquelas expressões meio bufas, desajeitadas, às vezes mundanas. Mas Cabiria é incomum, única, como um delírio, obscena, ingênua, perdida. Que caminhos trilho?

³⁴ In: Vanucci, P., *Santa Maria Madalena*, 1500. www.fcsh.unl.pt/docentes/hbarbas (A castelã)



Portrait of the Dancer Anita Berber³⁵

Tropeço em Verlaine. Leio-o: A GRANDE DAMA³⁶

Bela de “danar santos”, de agitar juízes
Sob suas capas! Soberana ela se move.
Ela fala – e dos seus dentes sai um reflexo
Italiano, com um leve toque russo.
Nos olhos frios o esmalte engasta o azul da Prússia
Com um brilho insolente e duro de diamante.
Em esplendor de colo ou em frescor de pele
Não há rainha ou cortesã, mesmo que fossem
Cleópatra a pantera ou a gata Ninon,
Capaz de comparar-te à beleza patricia
Ah, não; olha, bom Buridan: “Que grande dama!”
Devemos escolher: adorá-la de joelhos,
Sem outro astro no céu que seus cabelos ruivos,
Ou chicoteá-la na cara, essa mulher.

Ando amiúde e encontro-a nesse local flamejante, fulvo, manchado de sangue. Posso vê-la incrustada no rubro, no vermelho, no fogo, amalgamada às paredes, no tempo que a medra para que permaneça quieta, a esperar-me. Há um desejo extremado, em chamas. Bêbado de tristeza e farto de cansaço, olho para

³⁵ Dix, O., 1925. www.mess.net/galleria/dix (Retrato da dançarina Anita Berber)

³⁶ Verlaine, 1985, p. 81.

ela. No seu corpo há marcas do tempo, dos homens pelos quais passou. O vestido longo vermelho cobre-lhe as impudicícias, as intemperanças, as melancolias, tudo nela é rubro, como o local do desejo, do prazer. Com certa rigidez e mão sobre as ancas, vem em minha direção, percebo certa amargura em seu olhar. Passa por mim como se eu não estivesse ali. É uma puta desalmada que, com sua postura profissional, continua seu trajeto deixando-me deslumbrado. Continuo meu caminho pela tépida aurora que chega como um sonho velado; ando por um vasto corredor que parece não ter fim. Vou trôpego, em sua direção.



Liggende³⁷

Atônito, sinto o perigo, ando por passagens estreitas e encontro-me numa caverna, no umbral da concupiscência. Peles de tigre, de bicho compõem seu templo cor de lua, púrpura; entorpecido pelo silêncio da caverna que se derrama sobre mim avisto uma criatura meio mulher, meio bicho. Apavoro-me. Mas é preciso continuar mesmo diante do impasse, talvez da armadilha do desejo, do pavor, da fadiga. Qual a lógica do medo e do desejo? Suas unhas finas, seus olhos puxados, as mãos longilíneas como garras, seu olhar de lince fixam-se em algo que não chega ao meu alcance. Toma uma posição de ataque, porém o rosto, impassível, parece condená-la a olhar. Semi-nua, sai do sonho, do desapego, esquecimento. Não expressa nenhum sentimento que eu conheça; talvez, uma leve humanidade. Traz encarnada uma estranha melodia, um sortilégio, um sopro imperceptível que atinge meu corpo inteiro, sinto-me enfeitado.

³⁷ Dix, O., 1886. www.dekunst.net/47+.htmlb (Liggende)

Sua beleza exótica e seu olhar fazem parte de um mistério maior que não consigo desvendar. Luzes, sombras, envoltas em enigmas e embriaguez devoradora levam-me por mundos obscuros, castelos suntuosos, fantasias. Com rapidez, ando na penumbra da noite por uma estrada fria, sombria e adentro um corredor lúgubre que me leva a mais um quarto.



Portrait of Henrietta Moraes³⁸

Na cama, encontro um ser monstruoso e divino. Talvez seja ela. Mórvido mistério envolve sua face, seu rosto contorcido viola meu prazer. A cama disforme é a extensão do quarto esfacelado, do seu corpo desfalecido que se funde no abismo da devassidão. Inicialmente, não consigo reconhecê-la, é sempre a mesma em outra, a puta que me persegue, que persigo, que se mostra pelas minhas mãos, pelo meu sexo, lânguida, desfaz-se em prontidão, absorve-me só ao olhá-la. A cada instante transforma-se, traveste-se em algo líquido que escorre entre minhas mãos, sexo; desmancha-se entre os lençóis furta cor, enquanto afundo infinitamente em seu abismo negro. Pago-a, visto-me e assim, em desvario, parto.

³⁸ Bacon, F., 1963. www.francis-bacon.cx/1962_63.html (Retrato de Henrietta Moraes)



Sylvia-Anita, mulher em forma de busto ³⁹

Estupefato, chego a um outro local grande, largo, farto. Sou um caçador. Encaro minha presa. Vejo-a loira, nádegas avantajadas, seios ainda maiores, vestido minúsculo, galante, gordura fora de proporção, enorme, redonda, pele reluzente, colo abundante que sobressai do vestido apertado, apetitosa, olhos pintados, negros, cheios de um frescor que agrada, cílios densos, repletos, uma imensa boca pronta para os beijos. Encontro Bola de Sebo⁴⁰ sem sua pureza, mas com a mesma lascívia com que entregou-se ao inimigo prussiano. Entregar-se-á a mim sem sacrificar-se por ideais, sem o peso da moralidade. Espero-a, Bola de Sebo, seus traços fortes e sua aquarela exagerada seduzem-me. Dócil, doa-se sem lágrimas, sem resistências.

³⁹ Fellini, In: Calil, 1994, anexo.

⁴⁰ Personagem de Guy de Maupassant no conto *Bola de Sebo* da obra *Contos e Novelas*, Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1983.



Juliette Vary⁴¹

Atravesso aquele imenso corredor e entro num vão coberto por cores *ton sur ton*, sem janelas, claustrofóbico, telas viradas para parede, fadadas ao esquecimento. Por instantes confundo-a com os poucos objetos que vejo. Sobre seu colo, papéis, jornais, folhas simplesmente. Seu olhar compungido conspira contra mim; deparo-me com sua sensualidade recatada, séria, polida, quase sem pintura, carnes ainda frescas, esticadas; cabelos puxados para cima em forma de coque, nos quais se percebe uma pequena parte de sua orelha levando-me, sorrateiramente, a sua minúscula intimidade. Uma blusa preta cobre seu pescoço, dando-lhe uma aparência quase religiosa. Sentada, espera-me com zelo, pelo momento fecundo das lições. “É coisa que se ensine o amor? (...) a profissão dela se resume a ensinar primeiros passos, a abrir olhos, de modo a prevenir os inexperientes da cilada das mãos rapaces. (...) Ela ensina apenas os primeiros passos do amor, dá a entender isso apenas, pela maneira com que obstinada e mudamente se comporta. Franqueza: o que pratica é isso e apenas isso. (...) É coisa que se ensine o amor? Creio que não. Ela crê que sim.”⁴² Muitas passagens se abrem ...

⁴¹ Lautrec, T., 1888. <http://www.toulouselautrec.free.fr> (Juliette Vary)

⁴² Andrade, 1986, pp. 63-65.



Cena do filme *Abismo de um Sonho*⁴³

É plena a madrugada. Numa rua, em meio a prédios antigos, paralelepípedos enfileirados, janelas obstruídas, vejo duas mulheres em atitude suspeita: um delas dança e a outra a observa; estarecido, paro e logo reconheço Cabiria⁴⁴ pelos gestos, pela sombrinha, pelo jeito bufo, cômico; porém, está mais vestida, mais nova que a Cabiria de minhas noites; sua sombra, diante do seu corpo, convida-me a dançar. Danço e, por instantes, olho Cabiria e vejo *Totò*⁴⁵, não Chaplin. “O sentimento de maravilha que *Totò* comunicava era o mesmo que se tinha quando criança diante de um evento encantado, de uma encarnação excepcional, de animais fantásticos, a girafa, o pelicano, a preguiça; e também havia a alegria e a gratidão de ver o inacreditável, o prodígio, a fábula, materializados, reais, vivos, à sua frente. (...) Como todos os grandes palhaços, *Totò* encarnava uma contestação total. (...) *Totò* materializava, com uma elegância desprendida e brilhante, a eterna dialética da abjeção e de sua negação.”⁴⁶ Enquanto “... Carlitos [é] o augusto não necessariamente inocente, pois ele manipula a todos de maneira emocional e sentimental.”⁴⁷ É assim que percebo estas duas Cabirias: palhaças, bufonas, cômicas, prostitutas, fantásticas, inesquecíveis, totós. Deixo-as.

⁴³ Fellini, F. *Abismo de um Sonho*, 1952.

⁴⁴ Prostituta interpretada por Giulietta Masina no filme *Abismo de um Sonho*, 1952.

⁴⁵ Antonio De Curtis nasceu na região de *Napoli*, Itália, em 15 de fevereiro de 1898. Foi ator de teatro, cinema, comediante e ficou conhecido como *Totò*. Morreu em 1967 em Roma.

⁴⁶ Fellini, 2000, pp. 169-170.



La Bella Rafaela ⁴⁸

O caminho é tortuoso, estou perdido e entro por mais uma viela, chego à alcova lânguida, macia, envolta por cores vivas, embora carcomidas pelo tempo, pelas sombras da luxúria. Descubro-a num canto, entre almofadas aveludadas e lençóis de cetim vermelho, carmim como sua boca. Não sei se dorme ou se finge. Aproximo-me vagarosamente para que não acorde, ajoelho-me e toco com as pontas dos dedos o lençol, como se estivesse a tocá-la. É uma gueixa e sua nudez e sonhos transformam-se em sedução; não tem o que tirar, mas rouba minha alma e desvela-me. Está pronta para o amor e amo-a em silêncio. Depois, saio sorrateiramente...



Portrait of Isabel Rawsthorn standing in a street in Soho ⁴⁹

Adentro uma “Capela da Memória” e, “como no cinema [olho] para frente, a tela, o altar. (...) [Meu] olhar fixa-se na tela e as imagens [fazem, por mim], os

⁴⁷ Pettigrew, 1995, p. 165.

⁴⁸ Lempicka, T. de, 1927. <http://www.paloma.ca/rafaela.html> (A bela Rafaela)

⁴⁹ Bacon, F., 1967. <http://www.francis-bacon.cx/portraits/streetinsoho.html> (Retrato de Isabel Rawsthorn parada na Rua em Soho)

movimentos que [meu] corpo e [meu] olhar fariam se tivesse que realmente [movimentar-me] para ver tudo o que o filme mostra: voar, penetrar o solo, chegar perto, [distanciar-me], e assim por diante.”⁵⁰ Vejo-a em muitas imagens: quadros, pinturas, outdoors, cenas que se misturam com as imagens de milhares de filmes que já vi. Minha mente é o próprio cinema: às vezes surgem imagens em tomadas panorâmicas, às vezes em close, ora em plano americano, ora congeladas, em câmara lenta, com cortes secos, suaves...

Procuro a imagem única, a imagem que traduza essa busca incessante dela. Mas ela não vem. Não chega. É interrompida quando os feixes de luz se apagam completamente. Ao invés de visualizar sua imagem “única”, vejo-a expressa na figura da morte, cheia de dentes que me sorri com sua grande bocarra. Imensa, redundante, fluída, superabundante, gorda, uma confluência de imagens de Botero com Francis Bacon. A morte, que está aqui ao meu lado, gorda, sorridente, maternal, é ela. Dispensio a puta-morte retirando-me das trevas e retornando à luz.



Cena do Filme *Noites de Cabiria* ⁵¹

Nessa longa viagem trago comigo uma folha em branco. Dela, surgem palavras que vão se construindo, como por mágica, de minhas mãos, mente; palavras que entram em ebulição com meus sentimentos e pronto: fez-se a palavra, lavrei as palavras. Não quero ser Fernando Pessoa, como queria Ana

⁵⁰ Almeida, 1999, p.25.

⁵¹ Fellini, F. *Noites de Cabiria*. 1957.

Cristina César, quero ser Marcel Proust, desfazendo os fios da memória, tecendo as lembranças de forma ínfima e pormenorizada. Quero a palavra única, inacabada, quero o nome de DEus, daquele que não consigo pronunciar. Quero a palavra que está dentro dos seus olhos, mas que ela não diz. Quero-a, palavra impronunciada, palavra sem nome, sem cor, sem gestos, palavra, lava... palavras de Fellini, Tarkoviski, Bergman, (assim, nessa ordem). Palavras de nostalgia e dor, palavras que prendem, que abandonam, palavras-pala, palavras-silenciosas, palavras-totalitárias, que viram poder, palavras de amor, palavra-puta, prostituta, *puttane*, *puttanella*, meretriz, *meretrix*, Tais, Maria Madalena, Cabiria.

Palavra-pe-ca-do, palavra-saudade, que é a palavra que me toma na sua ausência. O amor não é palavra: é a necessidade que tenho dela, é a tarde que vem chegando tórrida na qual talvez eu pudesse amá-la. Palavra-morte, mistério e transcendência - é desértica. Palavra-tempo, fios de Ariadne, de Penélope, sem começo, nem fim. Palavra-desejo é tamanho que me imagino nela, que penso em morrer. Palavra-difícil é suja, mortal, despedaça-se. Palavra-vertigem é o seu nome, é seu corpo no qual me abandono. Palavra-angústia é sofrimento, são ruas solitárias, olhares perdidos, é minha solidão. Palavra-ódio é desespero, inferno, Dante, é ela que não sucumbe aos meus desejos, que se transmuta em tantas outras palavras.



Desenho de Federico Fellini⁵²

Ao tropeçar nesse emaranhado de palavras, no meio do caminho,
reencontro Drummond, que me diz sobre A PUTA⁵³

Quero conhecer a puta.
A puta da cidade. A única.
A fornecedora.
Na rua de Baixo
Onde é proibido passar.
Onde o ar é vidro ardendo
E labaredas torram a língua
De quem disser: Eu quero
A puta
Quero a puta quero a puta.

Ela arreganha dentes largos
De longe. Na mata do cabelo
Se abre toda, chupante
Boca de mina amanteigada
Quente. A puta quente.

É preciso crescer esta noite inteira sem parar
De crescer e querer
A puta que não sabe
O gosto do desejo do menino
O gosto menino
Que nem o menino
Sabe, e quer saber, querendo a puta.

⁵² Fellini, F. <http://karaart.com/swissart/geneve/meyrin/meyrin.html>

⁵³ Drummond, C. <http://www.utopia.com.br/erotica>

Uma prostituta me espera, caricatural, há nela tudo que desejo, que anseio: fartura, carnes, êxtase.

Sinto-me perdido no seu corpo gigantesco, em meio a névoas de suas rabiscadas curvas, traços grotescos. Pálida, esparrama-se sobre o tempo, banhada de sêmen, suor. Em agonia, enterro-me nos seus seios enormes, movediços, a olhar-me incisivamente. Seios dos quais jamais hei de querer sair. Seu sexo abre-se como uma bocarra, a engolir, em gestos sôfregos meu sexo. Sobre seu corpo nu, desvaneço.



Cenas do Filme *Mamma Roma*⁵⁴

Desperto em meio a uma rua movimentada. Mesmo ao longe vejo-a: sorridente, espalhafatosa, suburbana, excluída, verborrágica, é Mamma Roma, “fazendo as calçadas”! Andamos por uma larga rua iluminada por luzes difusas, na qual transitam putas, cafetões, homossexuais, carros. Muitos homens cruzam seu caminho, que parece não ter fim.

A rua é um grande bordel no qual, numa dança escandalosa, ela destila sexo através das palavras, cruéis, densas, queixosas, hilárias. Em meio a seus sorrisos percebo que traz o cansaço das noites insones, de andar nas calçadas, de andar no mundo, de andar com os homens, de ser a puta que pare. “Em nosso país existe uma verdadeira idolatria pela mãe; mãães, mãezonas, grandes mães de todos os tipos predominam uma iconografia fascinante, nossos fundamentos privados e públicos: mãe virgem, mãe mártir, mamãe Roma, mãe-Loba, mãe-pátria, mãe-igreja.”⁵⁵ Corro desvairado em ritmo atroz, pulsante. Procuro-a pelos

⁵⁴ Pasolini, P. *Mamma Roma*, 1962.

⁵⁵ Fellini, 2000, p. 112.

caminhos que trilho, entro e saio de diversos locais e em cada paisagem, em cada pedaço do tempo, a encontro sempre. Uma e outra, a mesma, a que se faz...
Mulher, quem tu és?



Animais⁵⁶

Sobre a terra barrenta, vermelha, em meio ao lamaçal, aos bichos, a possuo. A noite, como um naufrágio, desce sobre mim; abandonado, encontro-a algures e sinto que me furta desta ácida lucidez para lançar-me na concupiscência. Jogamo-nos à voluptuosidade e nos enterramos vagarosamente entrelaçados no prazer um do outro. Minha embriaguez é total e agarro-me a seu corpo, desejando-a constantemente. Esta puta devora-me, arrasta-me, preciso desprender-me do seu corpo, da carne, do desejo, do segredo, do silêncio, da nudez, do encontro, dos vernáculos de Hilst.

|⁵⁷

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado.
Pensei subidas onde não havia rastros.
[Extasiado], fodo contigo
Ao invés de ganir diante do nada.

⁵⁶ Rêgo, T., 2003. <http://www.culturalbandepe.com.br/Galeria/bordel/pagina01.htm> (Animais)

⁵⁷ Hilst, 2004, p. 17.



Cena do Filme *A Bela da Tarde*⁵⁸

Desço alguns degraus e deparo-me com um longo e soturno túnel, entro numa câmara e vejo-a bela, solene, deitada num caixão. Um fino véu preto encobre seu corpo e seus cabelos loiros; sua face, levemente rubra, faz-me pensar que ainda não alcançaste o reino das trevas, que dorme o sono da luxúria, do prazer, do desejo incessante. Orquídeas brancas degradadas - as flores do delírio - vestem seu corpo, sua intimidade, seus mistérios até a altura dos seios; sua adorável mão repousa sobre o peito. Fatigado, aniquilado, em desordem, desejo-a com exasperação, toco-a levemente e não responde, sinto o gozo tomar-me as entranhas, é meu fetiche. “Como talismã, por entre as suas tenras coxas correu um rio de esperma ardente que se lançou na sua vagina escaldante...”⁵⁹

É a prostituta de muitos homens, do mundo do desejo, do prazer, da dor, da palavra, das fantasias, do corpo marcado pelas bocas, pelos pênis, pelas mãos, pelas línguas. É o corpo do mundo, única, inigualável, inimitável. É vítima do crepúsculo, inimiga do sereno, da aurora boreal, do eclipse, do nascente e do poente. Fulgura entre o sol ávido por irradiar a terra, sentenciando os homens ao suor, ao calor, à exaustão: é a Puta da Tarde.

⁵⁸ Buñuel, L. *A Bela da Tarde*, 1967.

⁵⁹ Kis, 1987, p. 29.



El Trapo Negro⁶⁰

A esmo retorno ao caminho tortuoso, negro, de curvas mossas... Continuo em busca dela. Entro num local fantástico, no qual uma luz densa, branca, crua, cega-me momentaneamente. Os raios de sol iluminam seu rosto e não consigo vê-la, estamos no deserto, sempre tão seco, quente, nu... Ando sobre a angústia do tempo que se alterna entre mim e a areia também clara, dicotômica à escuridão de onde vim. Ela se move e me arremessa nesse caminho vertiginoso. Um pano preto, como a escuridão e o eclipse a entrelaça a cintura, o ventre, parte das pernas, mas é incapaz de me esconder seus seios grandes, brancos, levemente reclinados. Repousa a mão pálida sobre a perna condenada, por um instante, à ausência da luz. Está inerte. Parece caminhar até mim, contudo, não a vejo mexer-se, continua parada. Exaspero-me, já nem sei onde estou: se cego pela sua luz ou vidente ante seu semblante soturno. Sinto-me num pesadelo, diante da morte, do tempo, do desejo inconcluso, desordenado. Tento recordar seu rosto, sua ausência de cores, mas só o que lembro é o vazio da recordação, a luz das trevas fluindo, os tons de cinza...

⁶⁰ Bravo, M., 1986. www.witkingallery.com/.../Bravo/WomBrenlp.htm (O pano negro)



Cena do Filme *Amarelo Manga* ⁶¹

A sede, o cansaço, me faz perecer. Como um oásis, leio nas areias...

GEOGRAFIA ÍNTIMA DO DESERTO⁶²

O Corpo Amoroso do Deserto

Teu corpo
branco e morno
(que eu deveria dizer sereno)
é para mim
suave e doloroso
como as areias cortantes
dos desertos.
Que importa
que ignores minha sede
se tua miragem
é água cristalina.
E a miragem eu firo com mil línguas
e cada uma é um pássaro
a bebê-la.
Ferroam a minha pele
escorpiões de fogo e sol
com seu veneno
e vejo,
magoada de desejo,
os grãos tão leves
indo embora ao vento.

⁶¹ Assis, Cláudio. *Amarelo Manga*, 2003.

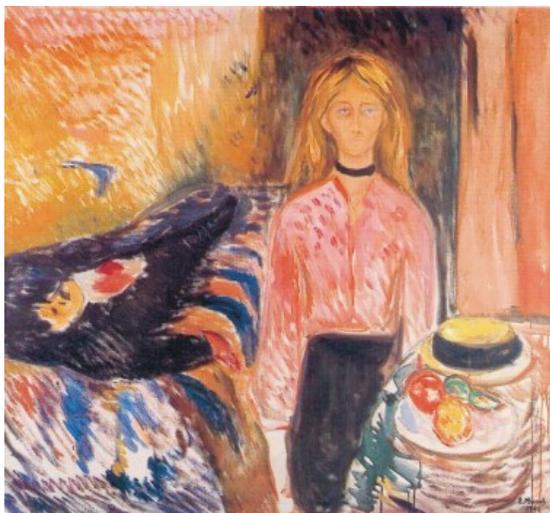
⁶² Verunschck, 2003, p. 73.

Solitário, abandonado, vadio pelo tempo, pelos caminhos, vejo-a encostada num muro. Paro em êxtase. Como uma rameira, a puta da beira da estrada, a vadia, a desvairada, a que se vende barato, a que não tem proibições nem interditos, se oferece. Levanta o vestido surrado e mostra o sexo, meio amarelo, meio vermelho, as duas cores justapondo-se em torvelinho; a perna aberta num ângulo, numa curvatura que me convida a fodê-la com voracidade, volúpia. É fartamente feminina, suas coxas firmes, provocativas, me deixam em agonia; na altura do seu ventre, deparo-me com o desejo agudo de amor, de paixão, tesão, de saciar-me no seu sexo. Gozo. Sua vagina orgástica, orgiaca, túrgida, me faz estremecer; virilmente, invado-a com loucura. Me traga, me draga, me afoga... “O desejo é ditador, inflexível.”⁶³

Lasso, frouxo, cansado, farto de prazer, abandono-a ao esquecimento, levando, apenas, seu cheiro almiscarado, seu suor forte a impregnar-me. Vou-me por paragens rotundas, cindindo-me cada vez mais dela. O vento sussurra seu nome: Lígia. Prossigo, cantarolando... *“você se aproxima de mim, com esses modos estranhos, e eu digo que sim, mas seus olhos castanhos, me metem mais medo que um raio de sol, Lígia, Lígia”*⁶⁴...

⁶³ Trabalho preliminar de Oliveira Jr., para o Laboratório de Estudos AudioVisuais – OLHO – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2004. Mimeo.

⁶⁴ Trecho da música “Lígia”, de Tom Jobim e Chico Buarque.



Meretrix⁶⁵

As dunas íngremes levam-me a uma vereda ardilosa, profunda. O desassossego me toma caudalosamente. Pela porta, entreaberta, posso vê-la numa alcova incandescente que se alastra pelas paredes, por certos objetos, pelos seus cabelos, sua pele, seu corpo, compondo a geografia do desejo.

O colorido da colcha me chama atenção; aprumo o olhar e vejo sobre a cama um homem deitado, ainda vestido, a esperá-la. É o outro, o amante, o rival, o cafetão, aquele que irá devorá-la, seduzí-la, explorá-la. Sofro obstinado. Uma plácida violência apossa-se de mim; sinto-me ameaçado, traído, pois não quero partilhá-la, dividí-la. Quero-a com sofreguidão, minha, ser seu único dono, macho, um rufião às avessas, o rufião que furtar-lhe-á desejos, prazeres, perversões, alucinações, obscenidades, fantasias, em troca de dinheiro. Busco-a porque é puta, uma Lâmia⁶⁶, uma arrebatadora, devoradora de homens.

Permaneço a olhá-la em vigília e, lentamente, pelas sendas da memória, mergulho no tempo, na lembrança da imagem de Cabiria e vejo-a no quarto opulento de Alberto Lazzari, a compartilhar de sua intimidade, sua ostentação,

⁶⁵ Munch, E., 1906. www.mundofree.com/.../edvard_munch.html (Meretrix)

⁶⁶ “Segundo os clássicos latinos e gregos, as lâmias viviam na África. Da cintura para cima sua forma era de uma bela mulher; daí para baixo, a de uma serpente. Algumas as definiram como feiticeiras; outros como monstros malignos. Faltava-lhes a capacidade de falar, mas seu sibilar era

oferecendo-se entre gentilezas e subserviência, com seu jeito ingênuo, romântico, assexuado, porém prostituído. Cabiria: procuro-te e descubro-te em todas as prostitutas com quem copulo e, imperiosamente, esqueço-te em todas elas. Retorno da lacuna do tempo diáfano, efêmero, das garras da memória. Parto sem olhar para trás. Calo, em mim, as palavras, os gestos, o gosto, o cheiro do desejo.

melodioso. Nos desertos atraíam os viajantes, para depois devorá-los. Sua origem remota era divina; procediam de um dos muitos amores de Zeus.” (Borges & Guerreiro, 2000, p. 196).

Regresso desse vasto caminho, desse mistério infindável, longínquo, para noite silente, incerta do mundo das sombras. Ando por estradas, vielas, ruas, passagens, caminhos, túneis, veredas, portas, corredores, quartos, alcovas, degraus, muros, desertos, praias, terras, locais da memória, repleto de lembranças; muitas se esvaíram para sempre nesse longo caminho, outras, encontrei em minhas fragilidades, em minhas confusões, perdição, cansaço, vigílias, desespero, loucura, melancolia, desejos, prazeres, perversões, alucinações, sonhos, fantasias... Cabira: buscar-te é ainda o local de obscuridade e desejo. Tua presença é o local de exílio da tua ausência. Aonde me perdi de ti? Aonde me encontrei em ti?

Caminho por uma rua de terra seca, árida, escura, silenciosa. Vejo, não muito longe de mim, um vulto de mulher, observo-o minuciosamente, detalhadamente, reconheço Cabiria. Eu, como uma sombra desejante, sigo-o. Entra numa casa desgastada, rota, decadente, iluminada por uma luz bruxuleante. Na fachada desta casa, percebo algo pitoresco: o local chama-se “Lux”. Cartazes, fotos, homens em vigília, distraídos, toscos, indiferentes, compõem o ambiente. Caio numa armadilha, estou num Teatro de Variedades. “Todo mundo é um palco, e todo palco é um bordello (bordel) (...) a última metáfora era tão verdadeira como a primeira, e igualmente complexa. Ao mesmo tempo sexualmente estimulantes e ameaçadores, que definem as relações humanas e as identidades, em termos teatrais. O teatro (...) colocava a mulher em primeiro plano, em todos os seus aspectos: negativos, positivos e frequentemente ambivalentes.”⁶⁸

Sou uma presa. O local parece envolto num ar de magnetismo, escondido por um véu de segredos, que vão sendo exibidos ora bruscamente, ora lentamente desvelados. Algumas mulheres semi-nuas são cenários em movimento; estou numa exposição de intimidades, de segredos, de consumo, de poder. Local do visível, da vidência e, simultaneamente, do oculto, do amálgama do tempo, do devir, da metamorfose em moto-contínuo.

Sinto-me ameaçado por aqueles homens que fumam, dormem, gesticulam, gritam, riem, sofrem, divertem-se e aguardam o inesperado, o fantástico, a magia

⁶⁸ Nicholson, 1990, p. 341

do espetáculo. São meus rivais, cafetões, desocupados, solitários, rufiões, gigolôs, proxenetas, lascivos, exploradores, fornicadores, trabalhadores, homens comuns. Persigo Cabiria, perscruto-a, inquieto, revoltado, sigo a trilha dos desejos, dos sentidos.

Sobre o palco, a meia-luz, cenários extravagantes, diversos objetos, mulheres e homens – artistas - olham da coxa o desenrolar das ações. Alguns transitam durante as apresentações, vestem-se, despem-se, organizam-se para a entrada no palco. “Os efeitos fantásticos da luz me obrigavam a um exame individual de cada rosto; e ainda que a rapidez com que o mundo de luz (...) me [impeça] de lançar mais do que um olhar em cada semblante, mesmo assim [parece] que, no peculiar estado de espírito em que me [encontrei], eu muitas vezes [leio], até nesse breve intervalo de um olhar, a história de longos anos.”⁶⁹

O Espetáculo é um misto de circo e de pastiche licencioso e cômico, uma grande mixórdia. É conduzido por um homem, o mágico, que tem um quê de histriônico, de bufão, de *clown*, repleto de gestos pantomímicos, é um demiurgo. Sua máscara não esconde, ela revela sua fisionomia.

Nos cabarés, bordéis, prostíbulos, puteiros, teatros, olho-a subir ao palco, incentivada pela platéia masculina, seduzida pelo ilusionista que, com o movimento das mãos, a magnetiza, hipnotiza, sugestiona. É a atração principal e o show continua.

Ao ser embalada pelos suaves gestos do prestidigitador e conduzida pela sua doce voz, Cabiria dorme o sono da ilusão, da perdição, do teatro; interpreta uma história, sua própria história, repleta de desejos, segredos, lacunas; ela despe-se, faz um *strip-tease* dos seus sonhos, anseios, de sua intimidade. Cabiria fica nua e todos podemos vê-la, rir, aplaudir e desejá-la: a puta, a pura, a romântica, a solitária, agressiva, verborrágica, que faz as calçadas, que faz a vida, que alimenta o gozo, o prazer, a lascívia, o desejo, as fantasias de muitos homens.

Olho o obsceno espetáculo, explícito, nu, no qual segredos são revelados; cego de tanto ver, perco o desejo, esqueço a sedução, desencontro-me da

⁶⁹ Poe, 1993, p. 29.

imaginação; estou na superfície, sem profundidade, sem perspectiva. O que procuro, o que excita-me, é o que está fora de cena - ob-cena - o jogo da sedução, o que se mostra, que se esconde.

Perco Cabiria em meio à multidão.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. J., *Suagh' Leng' hor*. São Paulo: Cortez Editora, 1990.
- ALMEIDA, M. J., *Cinema – Arte da Memória*. São Paulo, Editora Cortez Associados, 1999.
- AMADO, J., *Suor*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1982.
- ANDRADE, M., *Amar, Verbo Intransitivo*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda, 1986.
- ANDRADE, O., *Os Condenados*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.
- ASSIS, M., *Dom Casmurro*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- AZEVEDO, A., *O Cortiço*. São Paulo: Martins Editora, [190-?].
- BACHELARD, G., *O Ar e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- BARTHES, R., *Fragmentos de um discurso amoroso*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BARTHES, R., *O Prazer do Texto*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BORGES, J. L. & GUERREIRO, M., *O Livro dos Seres Imaginários*. São Paulo: Editora Globo, 2000.
- CALIL, C. A., *Fellini Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DURAS, M., *Olhos Azuis, Cabelos Pretos*. São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1986.
- FELLINI, F., *Fazer um filme*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2000.
- FELLINI, F., *O Sheik Branco*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1970.
- FERREIRA, L.G., *Muito além do Corpo*. São Paulo: Editora Scipione, 1988.
- GRAZZINI, G., *Fellini por Fellini*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.
- GIL, J., *Monstros*. Lisboa: Quertzal Editores, 1994.
- GRIFFIN, S., *O Livro das Cortesãs*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.
- HILLMAN, J., *Cidade e Alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- HILST, H., *Do Desejo*. São Paulo: Editora Globo, 2004.
- KIS, D., *Enciclopédia dos Mortos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- LEITE, G. S., *Eu, Mulher da Vida*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992.
- LLOSA, M. V., *Pantaleón e as Visitadoras*. São Paulo: Editora Globo, 2003.

MÁRQUEZ, G.G., *A Incrível e triste História da Cândida Erêndira e sua avô desalmada*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1972.

MELVILLE, H., *Moby Dick*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.

MIRANDA, C. E. A., *A Educação da face: o cinema e as expressões das paixões*. Tese de Doutorado. Campinas: Faculdade de Educação (Unicamp), 2000.

NICHOLSON, E. A., *As Mulheres e o Teatro, 1500 -1800 – Imagens e representações*. In: Duby, G. e Perrot, M. (org.) *História das Mulheres no Ocidente*. São Paulo: Editora Ebradil, 1990.

ORTIZ, A. D., *Mulher da Cor do Tango*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2000.

PASOLINI, P.P., *Le Notti di Cabiria (Soggetto e Sceneggiatura)*. Milano: Garzanti, 1981.

PETTIGREW, D., *Fellini: Eu sou um grande mentiroso*. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1995.

POE, E. A., *O Homem da Multidão*. Florianópolis: Editora Paraula, 1993.

RULFO, J., *O Galo de Ouro e outros textos para cinema*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1999.

VERLAINE, P., *Para ser Caluniado – Poemas Eróticos*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

VERUNSCHK, M., *Geografia Íntima do Deserto*. São Paulo: Ed. Landy, 2003.

HOLLANDER, X., *Xaviera*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1973.

ZOLA, E., *Naná*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1985.

FILMOGRAFIA

ASSIS, C., *Amarelo Manga*, 2003.

BUÑUEL, L., *A Bela da Tarde* (La Belle de Jour), 1967.

FELLINI, F., *Noites de Cabiria* (Le Notti di Cabiria), 1957.

FELLINI, F., *Abismo de um Sonho* (Lo Sceicco Bianco), 1952.

PASOLINI, P., *Mamma Roma* (Idem), 1962.